



**Ana Vieira** é doutora em Ciências da Educação, na área da Educação Social e Mediação Sociopedagógica e mestre em Ciências da Educação – História e Problemas Atuais da Educação pela UTAD- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

É, atualmente, professora adjunta na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais (ESECS) do Instituto Politécnico de Leiria (IPL) e investigadora do do CICS.NOVA\_pólo do IPLeiria.

Trabalhou em Portugal com Américo Peres, Professor agregado na UTAD, e em Espanha com José António Caride, professor catedrático na Universidade de Santiago de Compostela.

A sua investigação incide sobre Mediação intercultural, Educação social, Pedagogia Social, Mediação Sociopedagógica, Mediação Sociocultural, Trabalho Social e Indisciplina, áreas onde tem publicado em livros, revistas nacionais e estrangeiras, e onde tem desenvolvido comunicações que tem apresentado em congressos nacionais e internacionais.

É investigadora integrada do CICS.NOVA.IPLeiria.

É, ainda, membro da RESMI – Rede de Ensino Superior de Mediação Intercultural.



**Ricardo Vieira** nasceu em Albergaria dos Doze, em 1961. É Mestre em Antropologia Social e Sociologia da Cultura pela FCSH-UNL, Doutor em Antropologia Social, Pós-Doutor em Serviço Social e Agregado em Antropologia da Educação pelo ISCTE. No ano de 2000, foi galardoado com o Prémio Rui Grácio, prémio nacional para o melhor trabalho de investigação em Educação realizado em Portugal, SPCE (Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação).

É, atualmente, Professor Coordenador Principal (Full Professor) da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, Professor Decano do Instituto Politécnico de Leiria e Investigador do CICS.NOVA\_pólo do IPLeiria.

Trabalhou em Portugal com Raul Iturra, Professor Catedrático do ISCTE-IUL, e em França com Pierre Bourdieu, François Bonvin, Monique Saint Martin e Marie Elisabeth Handman da EHESS e do Collège de France.

As suas áreas de investigação preferenciais, onde tem publicado vários livros e artigos científicos são: Histórias de Vida e Identidades; Metamorfoses da Identidade; Antropologia da Educação; Educação e Diversidade Cultural; Mediação Intercultural; Identidades nos Idosos; Pedagogia Social e Identidades Pessoais e Profissionais.

É investigador integrado do CICS.NOVA.IPLeiria.

É, ainda, membro da RESMI – Rede de Ensino Superior de Mediação Intercultural.

Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UID/SOC/04647/2013



05

Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações

ANA MARIA VIEIRA | RICARDO VIEIRA

05

ANA MARIA VIEIRA | RICARDO VIEIRA

# Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações

COLEÇÃO a página

## ÍNDICE

<b>Nota de apresentação</b> .....	7
<i>Isabel Baptista</i>	
<b>Prefacio</b> .....	9
<i>José Antonio Caride</i>	
<b>Prefácio</b> .....	13
<i>Américo Peres</i>	
<b>Introdução</b> .....	17
<i>Ana Maria Vieira   Ricardo Vieira</i>	

### Capítulo 1

#### A MEDIAÇÃO INTERCULTURAL COMO PRÁTICA DA PEDAGOGIA SOCIAL

<b>1. Educação Social, Pedagogia Social e Competências na Intervenção do Profissional</b> . . . . .	25
<i>Ana Vieira</i>	
<b>2. Da Desconstrução do Formal e não Formal na Educação Social</b> .....	39
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	
<b>3. Da Profissão [Educação Social] ao Campo de Conhecimento [Pedagogia Social]: Profissão e Profissionalização em Educação Social</b> .....	47
<i>Ana Maria Vieira   Ricardo Vieira</i>	
<b>4. Pedagogia Social, Mediação Intercultural e Intervenção Social</b> .....	55
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	
<b>5. Competências da Mediação Intercultural como prática da Pedagogia Social</b> .....	65
<i>Ana Maria Vieira   Ricardo Vieira</i>	
<b>6. Da visão tradicionalista da Pedagogia Social à nova Educação Social</b> .....	71
<i>Ana Maria Vieira   Ricardo Vieira</i>	
<b>7. Ética(s) e Educação Social</b> .....	80
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	

Capítulo 2  
PEDAGOGIA SOCIAL, MEDIAÇÃO E INTERVENÇÃO

1. Viver e Conviver: Pedagogia Social, Comunicação e Mediação Intercultural .....	95
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	
2. Intervenção Social, Mediações Socioculturais, Prevenção e Resolução .....	98
<i>Ana Maria Vieira</i>	
3. Educação Proibida e Pedagogias da Transformação .....	103
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	
4. A Pedagogia Social e a Mediação na Transformação dos Olhares Patologizadores das Diferenças Socioculturais .....	106
<i>Ana Maria Vieira</i>	

Capítulo 3  
NA ESCOLA:  
PEDAGOGIA SOCIAL E MEDIAÇÃO INTERCULTURAL

1. Diversidade Cultural e Mediação Escolar .....	113
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	
2. A patologização da Diferença em Territórios Escolares .....	117
<i>Ana Maria Vieira   Ricardo Vieira</i>	
3. As Potencialidades da Mediação Escolar ou da Mediação Sociopedagógica na Construção de uma Escola para a (Con)vivência .....	121
<i>Ana Maria Vieira</i>	
4. Tensões Sociais e Conflitos na Escola: da Prevenção e da Resolução .....	124
<i>Ana Maria Vieira</i>	
5. Educação, Escola, Aprendizagem e Ensino .....	127
<i>Ricardo Vieira</i>	
6. Educação e Trabalho Social na Escola .....	130
<i>Ana Maria Vieira   Ricardo Vieira</i>	
7. Ensino Superior, Mediação Sociocultural e Sociopedagógica .....	133
<i>Ana Maria Vieira</i>	
8. Pedagogias Diferenciadoras e Emancipadoras .....	136
<i>Ana Maria Vieira   Ricardo Vieira</i>	

Capítulo 4  
COMPLEXIDADE  
E (TRANS)FORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS

1. Da (In)comunicação nos Sistemas de Ensino: breve apontamento .....	153
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	
2. Ensino Politécnico e Ensino Universitário: nomes, coisas e "faz de conta" .....	156
<i>Ricardo Vieira</i>	
3. Professor ou Contratado? .....	165
<i>Ana Maria Vieira</i>	
4. Ser Voluntário... ..	168
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	
5. Escola, Educação e Ensino: incursões reflexivas a propósito da adequação ao Processo de Bolonha .....	171
<i>Ricardo Vieira   Ana Maria Vieira</i>	
6. Escola, Física e Sociedade .....	174
<i>Ricardo Vieira</i>	
7. Dar e Receber: conteúdo, forma e mudança na vida dos professores em Bolonha .....	177
<i>Ricardo Vieira</i>	

TÍTULO

**Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações**

AUTOR

Ana Maria Vieira | Ricardo Vieira

EDIÇÃO

PROFEDIÇÕES, Lda./ Jornal a Página

COLEÇÃO

**a Página**

CONCEÇÃO GRÁFICA

Sersilito – Empresa Gráfica, Lda.

Tiragem

**1000 exemplares**

Depósito legal

**408254/16**

ISBN

**978-972-8562-74-8**

1.ª Edição: Abril 2016

**PROFEDIÇÕES, Lda. / Jornal a Página da Educação**

R. D. Manuel II, 51 C – 2.º andar – sala 2.5

4050-345 Porto

Tel. 226 002 790 • Fax 226 070 531

livros@profedicoes.pt

redacao@apagina.pt

<http://www.apagina.pt/>

<http://www.profedicoes.pt/livraria>

**NOTA:** Os textos publicados na coleção a Página são sujeitos a um processo de arbitragem científica assegurado por investigadores devidamente acreditados, pertencentes ao Conselho Editorial e/ou à bolsa de colaboradores permanentes da revista a Página da Educação.

## 2.

### A Patologização da Diferença em Territórios Escolares

Ana Maria Vieira

ESECS-IPL e CICS.NOVA.IPLeiria

Ricardo Vieira

ESECS-IPL e CICS.NOVA.IPLeiria

Mediar tensões, resolver conflitos, lidar com a diversidade na escola, de forma inclusiva, sem gerar desigualdade, é hoje ponto assente para a concretização de uma “escola para todos”.

Américo Peres, refere, numa reflexão sobre a Era da Interculturalidade, que

*“A educação para a alteridade passa pela descoberta de nós próprios (mesmidade) e pela relação de semelhanças e interdependências entre todos os seres humanos, começando pelos próximos. Como já referimos anteriormente, não basta ensinar conhecimentos sobre a diversidade humana, é imperioso aprender, no dia-a-dia a descobrir e reconhecer o outro não como uma ameaça, mas alguém com quem podemos desenvolver objetivos e projetos comuns. Trata-se de valorizar aquilo que é comum e não apenas as diferenças, lutando contra todas as formas de discriminação que têm impedido os mais desfavorecidos de participar na vida comunitária. O diálogo, a resolução não violenta dos conflitos, a cooperação e a solidariedade são alguns dos instrumentos que alguns dos indivíduos ou grupos, enquanto pessoas e/ou organizações, devem perseguir” (Peres, 2011: 40).*

Contudo, nem sempre a compreensão e valorização do outro são muito enfatizadas. Pelo contrário, continuamos a assistir a muitos discursos e práti-

cas que representam e classificam a alteridade como dificuldade ou mesmo não normalidade.

A ideia da mediação de conflitos, as pedagogias inclusivas, inter/multiculturais e flexíveis são voz corrente nos teóricos da educação e no discurso quotidiano de professores e outros agentes educativos.

Contudo, entre a intenção e a concretização, entre o dizer e o fazer, vai, por vezes, demasiada distância e alguma contradição. É vulgar ouvirmos falar do professor mediador, mas, provavelmente, o sentido da mediação aponta mais para a visão do problema no aluno em si, como se duma essência se tratasse, do que para a mediação das tensões sociais resultantes do convívio entre pessoas heterogéneas quer do ponto de vista cultural quer do ponto de vista comportamental. E a montante do conflito na escola, que existe, é facto, há, tantas vezes, rotulagem de diversidades que são classificadas como problema quando, na verdade, o que se passa é a ausência de diálogo entre as partes, que, por ser difícil, poderá ser facilitado quer por professores quer por profissionais sociais quer mesmo por alunos mediadores. Mas não se trata de abolir as tensões inevitáveis a qualquer vida em grupo:

*“O conflito é para ser vivido, e não evitado ou, mesmo, solucionado. Pensar diferente e sentir diferente é inerente às relações humanas e potencialmente fonte de crescimento. Discutir essas diferenças, aduzir argumentos, mostrar que não pensamos da mesma forma é absolutamente saudável”* (Costa, 2003: 10).

No trabalho de campo que temos realizado em territórios escolares, seja em Territórios Educativos de Intervenção prioritária (TEIP), seja em Territórios que reivindicam gabinetes constituídos por equipas multidisciplinares para fazer apoio ao aluno e à família (GAAF), temo-nos concentrado no modo como os professores e diretores concebem a prática dos profissionais sociais que reivindicam para dentro da escola em conjugação com o papel educativo dos docentes.

Numa conversa sobre a multiplicidade de funções que um professor tem de desempenhar, um diretor dum Agrupamento de Escolas que há muito tem sustentado uma “Oficina de comportamento” como espaço de mediação socioeducativa dizia: *“o professor tem que, forçosamente, ser um mediador; o professor tem de ser um gestor de conflitos. Está na moda, mas tem que ser um gestor*

*de comportamentos, tem que ser um gestor de atitudes e um gestor de relações humanas [...]”*.

Muitos professores entendem que esse trabalho que se estenderia aos intervalos e ao percurso entre a família e a escola é demasiado para o professor que está carregado de tarefas burocráticas para além das pedagógicas. Reivindicam técnicos especializados para essa mediação que, convém (re)lembrar, antes de ser sociopedagógica e antes de ser de conflitos é, antes de mais, sociocultural. Mas não é líquido que mesmo esses técnicos, que existem nos TEIP e nos GAAF, sejam representados como algo que se enquadre para além dessa milagrosa ideia de resolver os conflitos, como se de uma doença se tratasse. Alguns Assistentes Sociais que trabalham nesses territórios estão a tentar dar esse passo para além da psicologização do problema de que é apontado o aluno: *“Já tinham um GAD [gabinete de apoio disciplinar] constituído só por professores que recebia os alunos expulsos da aula. Mas começaram a ver que as questões disciplinares tinham causas sociais e que não tinham capacidade, nem tempo, nem formação para tratar assuntos com toda essa amplitude”*.

No contexto de um TEIP, tem-se assistido a uma tentativa de alteração dessa representação de patologização das questões disciplinares, como nos refere um dos professores responsáveis:

*“Os psicólogos, hoje, são perfeitamente aceites na escola. Mas, inicialmente, havia aquela ideia estigmatizada que era para tratar daqueles casos dos malucos, dos que não «batem bem» e vão para o psicólogo. Hoje em dia, procuramos mudar esta atitude. O psicólogo está ali para trabalhar com os directores de turma e com outros técnicos. Evitamos que se fale em enviar ao psicólogo sempre que surge algum caso mais complicado. Tudo deve ser resolvido em rede”*.

Mas são mudanças que não são fáceis de operar. Se, efetivamente, o aluno diferente for enviado, sistematicamente, para o psicólogo da escola, ou para o GAAF, dos efeitos da intenção de mediar tensões e diversidades pode resultar, por vezes, uma visão do TEIP ou do GAAF mais perto de qualquer coisa como um hospital de problemas sociais do que de uma escola para todos que constrói estratégias de diferenciação pedagógica e social. Como referem Canário, Alves e Rolo (2001: 66),

“A documentação produzida sobre a realidade escolar está cheia de referências e descrições, em regra «catastróficas» sobre a população escolar que frequenta os estabelecimentos de ensino das zonas de intervenção prioritária. Essas descrições exprimem juízos de valor que, por um lado, tendem a generalizar ao conjunto da população escolar atributos característicos de uma minoria. Por outro lado, essas descrições são construídas a partir da perspectiva de identificar os problemas que os alunos colocam à escola e aos professores. Mas a perspectiva contrária aparece-nos como bem mais interessante e produtiva, ou seja, que problemas cria a instituição escolar aos alunos? Torna-se, então, necessário procurar conhecer o «ponto de vista» dos alunos: como vivem a sua experiência escolar, como constroem a sua imagem de alunos?”.

### Referências bibliográficas

- CANÁRIO Rui; ALVES Natália; e ROLO, Clara (2001). *Escola e exclusão social*. Lisboa: Educa.
- COSTA, Maria Emília (2003). *Gestão de conflitos na escola*, Lisboa: Universidade Aberta.
- PERES, Américo (2011). *Educação Intercultural e Cidadania*, Chaves: APAP.